

nárias, o A. não esconde sua admiração pela tenacidade e pobreza desses humildes "operários evangélicos" (p. 64): "E se a civilização consiste mais nas riquezas do espírito, que nos requintes do conforto material, devemos reconhecer que ninguém melhor zelou por esta sementezinha, tão combatida sempre, que os arautos do Evangelho, "luz do mundo e sal da terra" na palavra do Senhor" (p. 86).

O trabalho reveste-se, em certos trechos, de um tom polêmico, ao serem discutidas, por exemplo, informações de fontes consultadas, que omitem, distorcem ou pretendem negar a Anchieta a participação em empreendimentos da época: é o caso da construção de um caminho novo de São Vicente para São Paulo, quando o A. procede a um cotejo de documentos, salientando aí a participação do jesuíta. E cremos que o tom excessivamente polêmico de certas passagens, como o apêndice B ("Anchieta, autor do "Poema de Mem de Sá") poderá ser substituído pela simples constatação documentada, quando o A. se dispuser a um trabalho definitivo, que parece estar prometido.

A leitura torna-se amena graças à transposição de textos de jesuítas ou viajantes (necessários para a corroboração das idéias do A.) e que muitas vezes são dramáticos (a carta do Pe. Brás Lourenço narrando uma tempestade nos Abro-lhos,, no capítulo 5) ou pitorescos: "... e fomos dormir em um *teig-upaba*, ao pé de um formoso rio de água doce, que descia com grande ímpeto de uma serra tão alta que, ao dia seguinte, caminhamos até ao meio dia, chegando ao cume bem cansados: o caminho é tão íngreme que às vezes iam pegando com as mãos". (Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, pp. 352-354, descrevendo a jornada até São Paulo em janeiro de 1585), p. 75. E para essa amenidade contribui também o estilo do A., que ainda aí evidencia o seu envolvimento afetivo: "Iam eles, os expedicionários, em busca de ouro para as arcas do Rei, e o padre em busca de almas para o tesouro do céu. E como se exprime Anchieta. Na mesma falna de falcador de almas para Deus, principiava então também ele a penetrar bem fundo, definitiva e irrevogavelmente, no coração de sua nova pátria" (p. 38). É bem compreensível, porém, esta participação afetiva, dados não somente o tempo e a dedicação envolvidos pela seriedade do trabalho, como ainda a fascinação que não pode deixar de suscitar tema tão controvertido e uma personalidade tão marcante como a estudada no presente ensaio. E diante deste prometedo esforço biográfico, como insiste o Autor em denominá-lo, só nos resta esperar futuras contribuições que venham enriquecer a bibliografia existente sobre o tema. — ALIETE FONTANA.

SILVA BRUNO, Ernani — *Viagem ao País dos Paulistas*, Ensaio sobre a ocupação da área vicentina e a formação de suas economia e de sua sociedade nos tempos coloniais. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1966 (Coleção Documentos Brasileiros, v. 123), 152 pp.

O presente estudo de Ernani Silva Bruno, selecionado entre vinte e um trabalhos apresentados, obteve em 1964 o prêmio Octávio Tarquínio de Sousa, destinado ao melhor ensaio do ano sobre tema brasileiro, por decisão unânime da comissão julgadora, constituída pelos escritores Francisco de Assis Barbosa, Antônio Cândido e Sérgio Buarque de Holanda. Há longos anos vem o A. se dedicando a pesquisas referentes à zona paulista, pesquisas essas que já nos proporcionaram sua tão bem recebida obra de estréla *História e Tradições da Cidade de São Paulo* — publicada em 1953; surge agora este "ensaio sobre a ocupação da área vicentina e a formação de sua economia e de sua sociedade nos tempos coloniais". Através de cinco tempos: Tempo dos Pioneiros (1500-1580), Tempo da Caça ao Bugre (1580-1640), Tempo da Busca do Ouro (1640-1730), Tempo do Comércio de Gado (1730-1775), Tempo da Indústria do Açúcar (1775-1822), a viagem permite-nos apreciar cronologicamente, sob amplas perspectivas, as diferentes etapas da colonização

em seus aspectos históricos (conquista do território e povoamento), geográficos (roteiro das expedições e fundação de cidades), sócio-econômicos (agricultura, pecuária, comércio, pequena indústria e formação social), e até mesmo aspectos folclóricos, transportando-nos aos usos e costumes dos povoadores, evidenciando o A. a familiaridade e conhecimento detido que tem de nossas tradições populares. E a amplitude de perspectivas patenteia-se ainda pelo fato de não se ter o A. limitado a estudar o país dos paulistas (assim era chamada, nos primeiros tempos coloniais, a terra de São Vicente ou de São Paulo) isolado das demais regiões então colonizadas; os dados apresentados e as conclusões não perdem de vista o complexo dentro do qual está situado.

E de que encanto se reveste nossa viagem, quando nos deparamos, através do exame minucioso da documentação, com certos episódios denunciadores da rusticidade ingênua dos primitivos habitantes da região: "Mas além dos bichos, as ervas e os matos podiam viver e crescer à vontade nas ruas e nos pátios da povoação. Ervas e matos que só eram arrancados — ao que parece — quando se tornava necessário embelezar a vila por motivo de alguma procissão ou festa religiosa. Assim, no ano de 1625 — quando se aproximava o dia da Procissão dos Passos — a câmara recomedava que cada morador mandasse "o seu negro com sua enxada carpir o adro da igreja e a praça desta vila" (*Atas da Câmara da Vila de São Paulo*, III, p. 168), p. 52; ou então: "No ano anterior cogitara até, esse mesmo governador, de transformar em vila a aldeia de Nossa Senhora da Escada (no Vale do Paraíba) elegendo para o governo dela aqueles índios "que se conservavam puros e com a limpeza de andarem calçados" (*Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, LXVII, p. 196), p. 99. Por vezes é a citação de trechos de historiadores ou viajantes, com um estilo pitoresco, que torna a leitura ainda mais amena: "De início, porém, não foi plena e sem limitação essa posse. Ainda em 1561, foi a vila assaltada por "grande corpo de inimigos pintados e emplumados e com grandes alaridos" (Celo Prado Júnior, "O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo", in *Geografia*, ano I, n.º 3, São Paulo, pp. 243, 244), p. 15; ou "O povoamento foi então quase nulo na zona costeira. Sabe-se que em 1766, entre as povoações que o Morgado de Mateus (governador da capitania) mandou erigir, figurava uma entre Iguape e Cananéia, na foz da Ribeira de Sabaúna, para onde foram mandados povoadores — mas povoação cujo "diretor" dizia no ano seguinte que eles "não podiam existir naquele sítio cheio de matos e de bichos" sem que o governo cuidasse do seu sustento durante um ano, enquanto fizessem suas roças e suas habitações" (*Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*, XXIII, pp. 43, 24), p. 84.

Some-se a isto o estilo simples e agradável do A., através da ordenação sistemática do pensamento, numa clareza quase didática. A seriedade do trabalho, anunciada já na introdução, ao afirmar que pretende se manter num "clima de isenção" (p. 7), torna muito proveitosa esta viagem através dos *tempos*, pois discordamos do A. quando afirma que "talvez seja por demais ambicioso o projeto (...) de enquadrar todas essas fases, com suas figuras mais características, em uma narrativa que possa dar ao leitor de agora o sentido da formação colonial paulista, a medida de sua expansão territorial em cada etapa de seu desenvolvimento, os matizes de que se foi colorindo a paisagem econômica e social dessa área cujo núcleo foi a Capitania de São Vicente" (p. 8). O ensaio atinge com felicidade os objetivos a que se propôs o A., graças ao conhecimento minucioso da bibliografia sobre o tema, adquirido através de longos anos de pesquisa, aliado a uma visão equilibrada e amadurecida. Esta sistematização do que já foi escrito a respeito, agora sob um ângulo novo, numa penetração profunda e num trabalho orgânicamente renovado, constitui uma contribuição original para a bibliografia existente, além de apresentar um roteiro bibliográfico completo para o estudioso da matéria. — ALIETTE FONTANA.